

TÍTULO

Educação Indígena Guarani Mbyá e o Papel da Gestão Escolar

AUTOR

JOEL PEREIRA

Acadêmico do curso de Especialização em Gestão Escolar: Direção, Coordenação e Supervisão Escolar pela Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim e Licenciado no Curso da Educação do Campo- Ciências da Natureza pela mesma instituição.

e-mail: joelkuaray@gmail.com

ORIENTADOR

MOISES MARQUES PRSYBYCIEM

Doutor e Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia. Professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (Mestrado) e da Especialização em Gestão Escolar: Direção, Coordenação e Supervisão Educacional na Universidade Federal da Fronteira Sul-Campus Erechim.

E-mail: moises.prsybyciem@uffs.edu.br

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar o papel da gestão escolar para o fortalecimento da cultura e o respeito ao calendário indígena Guarani Mbyá na Escola Estadual Indígena Vicente Karaí Okendá. As ações foram desenvolvidas por mim, graduado no curso de Educação do Campo-Ciências da Natureza pela Universidade Federal da Fronteira Sul Campus s Erechim, e cursando o curso de Especialização em Gestão Escolar: Direção, Coordenação e Supervisão Educacional pela mesma universidade. E com o intuito de identificar as propostas da gestão da escola sobre a inclusão dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Guarani no contexto escolar da aldeia, trago minha pesquisa feita documental desenvolvida para o diálogo. E assim promover diálogos sobre a educação tradicional e a necessidade de promover o fortalecimento da cultura do povo indígena Guarani e na perspectiva de ampliar os saberes tradicionais na prática da gestão

escolar através dos conhecimentos culturais do povo. E assim trazer o diálogo sobre o papel da gestão escolar na educação tradicional indígena Guarani como fundamental para o fortalecimento da cultura do povo, partindo do movimento da escola no propósito de incentivar os alunos da aldeia para fortalecer e manter vivo os conhecimentos tradicionais de um povo que está sempre na luta para sobreviver e manter as suas práticas culturais que são milenares. Os principais resultados apresentam que está faltando uma organização pedagógica da escola para que se busque de fato o fortalecimento cultural do povo como uma educação diferenciada e ser respeitado pelo governo e SEDUC-Secretaria de Educação.

Palavras-chave: Educação indígena Guarani; Gestão escolar; Valores culturais

1 INTRODUÇÃO

Cada povo e comunidade indígena (p. ex: Guarani, Kaingang) tem a sua própria cultura, maneira de ver o mundo e interagir com ele. O Guarani Mbyá tem o seu *tekó* (o modo de vida), ou seja, a sua forma de dirigir a vida em comunidade. Assim, um dos aspectos da organização cultural do povo Guarani é o respeito ao seu calendário, que é diferente do calendário da sociedade brasileira.

O calendário dos Guarani Mbyá é fundamentado em dois grandes períodos: o *Árá Pyaú* e o *Ará Ymã* (o tempo novo e o tempo velho, respectivamente) e o calendário da sociedade brasileira, geralmente, é baseado em quatro estações (verão, primavera, inverno e outono). No calendário Guarani, esses períodos coordenam a vida nas aldeias, em diferentes aspectos, tais como: épocas de plantio e colheita, tempo de caça e o tempo em que não se pode caçar, dentre outros aspectos.

Em relação a educação para os indígenas Kaingangues e Guarani, ela vem antes da escola, ou seja, a educação para esses povos, ocorre na convivência entre os pais, parentes e com os mais velhos (p. ex: avós) no espaço comunitário. A escola e o professor reforçam as vivências em comunidade, problematizando, assim, os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais.

Para Bergamaschi e Gomes (2012) e Bergamaschi e Medeiros (2010), os povos indígenas, coerentes com suas vivências, apresentavam desde os primeiros contatos com os colonizadores europeus um modelo próprio de educação, o que se mostrou, de acordo

com a visão eurocêntrica, como não sendo boas práticas de escolarização, visto que nas sociedades tradicionais, entre as quais situam-se as comunidades indígenas, as teorias do mundo do homem e da sociedade são globais e unificadoras.

No Rio Grande do Sul (Brasil), a instalação das unidades escolares nas aldeias pelas secretarias estaduais ou municipais, muitas vezes, não consideraram, aspectos como: os valores culturais, as relações de trabalho e a organização social indígena Guarani Mbyá. As secretarias estaduais não consideram o calendário Guarani, fazendo com que a escola indígena siga o calendário da sociedade brasileira que é o padrão de todas as escolas não indígenas, o que traz consequências diretas ao funcionamento das escolas, uma vez que elas caminham em direção contrária ao esperado e vivenciado pela sociedade indígena.

Dessa forma, se faz necessário pensar em uma gestão mais democrática nas escolas indígenas Guarani Mbyá, visando práticas mais participativas e coletivas da comunidade, propondo a criação de um calendário diferenciado e específico, conforme os conhecimentos tradicionais e a participação dos *xamõi kuery* (os mais velhos).

Esse artigo tem o objetivo de refletir o papel da gestão escolar para o fortalecimento da cultura e o respeito ao calendário indígena Guarani Mbyá na Escola Estadual Indígena Vicente Karaí Okendá da comunidade de Mato Preto, município de Erebangó/RS (Brasil).

2. GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INDÍGENA GUARANI

Conforme Libâneo 2004, se faz necessário uma escola para enfrentar a atual realidade do mundo. Essa escola deve promover a formação cultural, tecnológica e científica, possibilitando o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela tecnologia, pela técnica, pela linguagem, pela estética e pela ética. A construção de uma escola capaz de enfrentar esses desafios passa por uma gestão escolar mais democrática.

Se percebe que a partir de minhas pesquisas, para uma gestão democrática a comunidade escolar precisa estar também envolvida nas questões educacionais da escola, assim a criação de um modo de ensino que venha a fortalecer a cultura de um povo conforme a organização de uma comunidade.

Assim, uma gestão escolar é imprescindível quando promove a participação, o apoio e trabalha na elaboração de formas de participação democrática entre os segmentos da escola (Paro, 2010).

Libâneo (2007), quando discute gestão escolar e escola, utiliza uma concepção sócio-crítica. Tal concepção leva em consideração o caráter intencional das ações e as interações sociais e políticas na tomada de decisão de forma mais democrática, coletiva e autônoma.

Em relação a educação escolar indígena no Brasil, conforme Sales (2013), ela vem obtendo avanços no que diz respeito à legislação que a regula. Atualmente, há leis e normas que são favoráveis a uma educação escolar específica diferenciada e de qualidade para as sociedades indígenas. Porém, na prática isso não ocorre em sua plenitude, pois há uma enorme lacuna entre “o que a legislação garante” e o que efetivamente é posto em prática nas escolas indígenas.

A Constituição Federal de 1988, no parágrafo I, no artigo 210, no inciso 2º, estabelece que o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96 é assegurada aos povos indígenas uma educação escolar que leve em consideração a sua história. A educação escolar indígena ainda no Brasil Colônia não partia de uma educação formal e diferenciada para os povos indígenas. A LDB garante esses direitos dos povos indígenas de uma educação que contemple os aspectos históricos e cultural.

O artigo 32, parágrafo IV, cita que o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Já o artigo 78 (parágrafo I), aponta a necessidade de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; e a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências. No parágrafo II, destaca a garantia aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos, técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas.

No artigo 79, apresenta que a União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas,

desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa. O parágrafo I, deixa claro a necessidade de fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena.

Assim, de acordo com a legislação, a escola, os professores e a gestão escolar devem levar em consideração a língua materna, os conhecimentos sobre seus rituais, a sua tradição, a organização social, a convivência no seu território e o modo de vida da própria comunidade Guarani Mbyá na construção de uma educação mais humana e emancipadora.

A educação Guarani é para a vida. O objetivo é formar alunos da aldeia pertencente a um povo que continue com a valorização de sua cultura, com princípios e valores herdados dos seus ancestrais dentro de uma ligação com o mundo espiritual e a relação com todas as formas de vidas existentes na aldeia, comunidade e território.

Conforme Bartomeu Meliá (1979), a educação indígena é contínua, permanente e livre, pois é baseada na prática, no “aprender fazendo”. Assim, o indígena é ensinado pelo seu grupo, sobretudo através da oralidade, da informalidade e da permanência, respeitando, na totalidade, cada fase do amadurecimento da pessoa.

Dentro da educação “tradicional” indígena Guarani o *Nhandereko* é o nosso modo de viver guarani, é uma educação que está ligada intrinsecamente a nossa própria cultura, um ato de educar e de se educar para se tornar um bom Guarani. A educação Guarani envolve, por exemplo, a preservação e o incentivo a valorização de nossa cultura, o nosso *opy* (casa de reza) que para o povo Guarani é a primeira escola

No contexto indígena Guarani Mbyá, a educação deve levar em consideração a cultura (respeito ao calendário, a música, a dança, o trabalho, o território, a organização social, dentre outros) do povo Guarani, em diálogo com o conhecimento científico e tecnológico, pois uma escola de qualidade deve incluir e lutar contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica (Libâneo, 2004).

Neste sentido trago neste meu artigo como uma crítica, o estado e a SEDUC precisam conhecer e entender melhor o que está na CF- Constituição Federal de 1988 e o que está nos artigos de LDBEN sobre como deve funcionar as escolas indígenas. Assim para que possam respeita decisões e organização própria de cada escola e cada comunidade conforme seus costumes e tradições, e assim dando total liberdade para cada gestor atuar conforme a comunidade escolar nas aldeias demandar.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi classificada em uma abordagem qualitativa e como uma pesquisa documental em relação ao objeto de investigação. A pesquisa documental vem a partir de análises de documentos tanto atuais ou antigos.

A pesquisa documental ocorre a partir de fontes mais diversificadas e dispersas, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão (FONSECA, 2002).

Esse estudo foi qualificado como documental, pois houve a análise do plano de estudo para o ensino na escola, elaborado pela 15ª Coordenadoria Regional da Educação (15ª CRE) e de fotografias.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Vicente Karaí Okendá, da comunidade indígena Guarani de Mato Preto, localizada no interior do município de Erebangó/RS (Brasil). A comunidade indígena Guarani possui 20 anos de existência e sua criação, a escola foi criada em 2018, mais durante 15 anos funcionou como anexo do Colégio Irineu Evangelista de Souza da cidade de Erebangó sendo a sua tutora a diretora do colégio.

Hoje na escola são atendidas apenas os alunos indígenas até o 6º ano, sendo o ensino fundamental incompleto. São duas turmas multisseriado, o infantil, 1º e 2º ano sendo atendidos no turno da tarde e o 3º, 4º e o 5º ano sendo atendidos no turno da manhã, e hoje desde a sua criação a escola possui seu tutor, o primeiro a assumir a direção fui eu mesmo, mais que devido aos trabalhos intensos pedi para sair da gestão e hoje quem está na gestão da escola está a professora Marileide Oliveira.

Para coleta/ construção de alguns dados foram utilizados como fontes de informações o Plano de Estudos para o Ensino da escola, pois a escola ainda não possui o Projeto Político Pedagógico (PPP). Como instrumentos de coletas de dados foi utilizado um roteiro de análise com foco nos elementos valores culturais e organização social do povo Guarani.

Na análise dos dados do documento e imagens emergiu um tópico de análise: i) valores culturais e organização social do povo Guarani. Com base na literatura, na LDB e

nas vivências na comunidade (como cacique e professor), propõe-se no tópico ii, apontar caminhos para o papel da gestão escolar para o fortalecimento cultural Indígena Guarani Mbyá.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Historicamente, as escolas nas aldeias foram inseridas no intuito de integrar os indígenas à sociedade não indígena. A inserção da escola na aldeia de Mato Preto/RS (Brasil) não foi diferente. Todavia, a organização da gestão da escola (organização das aulas e atividades) não segue o calendário do povo Guarani Mbyá.

No tópico de análise I, apresenta-se os resultados e as discussões sobre os valores culturais e organização social do povo Guarani, fazendo um paralelo entre o documento denominado plano de estudo para o ensino e a realidade da escola.

4.1 Valores culturais e organização social do povo Guarani

A Escola Estadual Vicente Karaí Okendá ainda não possui um PPP, uma vez que aguarda uma autorização da Secretaria de Educação do Rio Grande Sul e da 15ª Coordenadoria Regional da Educação para a sua construção, a partir das demandas da comunidade escolar. Enquanto, essa autorização não chega, a escola segue o Plano de Estudo para o Ensino.

O PPP é um documento que vem a ser conhecido como Projeto Político Pedagógico que é uma de um mapa que guia uma instituição de ensino para o seu crescimento e melhoramento na sua qualidade de ensino. O PPP deve levar em consideração o contexto em que a escola está inserida com fatores específicos da comunidade escolar. É muito importante para a escola e para a comunidade pois é um registro a partir dos diálogos e construção de um caminho para a orientação durante o ano letivo, e que deve ser um documento formal e ao mesmo tempo ser acessível a todas as pessoas envolvidas na comunidade escolar

Os docentes inseridos no ambiente escolar devem estar sempre atentos em quais são os objetivos de sua escola. Para que isso ocorra é necessário pensar nas ações educativa que a escola desempenha a partir de suas finalidades. Os propósitos da escola estão ligados aos efeitos propositalmente solicitados e desejados. (Alves 1992, p.19.

O plano de estudo traz como objetivo do estabelecimento:

A escola visa oferecer um espaço para a construção diferenciada, proporcionando aos educandos os conhecimentos importantes para a sua vida e uma **visão de progresso coletivo** para a melhoria do espaço da comunidade, onde estão **contemplados os direitos da comunidade indígena, assim a sua cultura, seus saberes e seus conhecimentos pedagógico e cultural**" (Plano de Estudos, 2018, p. 4, grifo nosso).

Assim, observa-se o processo participativo e coletivo é um processo de obtenção de ideias ou de conteúdos que é necessário e que venha a solicitar contribuição voluntária de um grupo alargado e variadamente de pessoas da comunidade escolar. A democracia consiste em modelo de gestão que busca sempre o coletivo e a participação nas realizações de determinadas ações em uma escola. Buscando sempre envolver, professores, funcionários, alunos e familiares, ou seja, a comunidade escolar, assim permitindo que a escola seja democrática e aberto para todos.

Assim a princípio tirando fora a falta do PPP, a gestão da escola está atendendo e respeitando as decisões da comunidade, como os direitos aos saberes tradicionais, dias de cerimônias da colheita, do batismo e dias das festividades da cultura. A escola sempre envolve os alunos nas atividades culturais na comunidade, os trabalhos coletivos na aldeia, o coletivo é muito importante para manter a cultura viva.

A Figura 1, mostra o currículo por atividades no Plano de Estudo para o Ensino da escola:

Figura 1 – Currículo por atividades no plano de estudos Vicente Karáí Okendá

Língua Portuguesa Língua Guarani Arte Educação Física História Geografia Ciências Matemática Valores da Cultura Guarani	Currículo por Atividades (Globalizado)
---	---

Fonte: Plano de estudos (2018, p. 36)

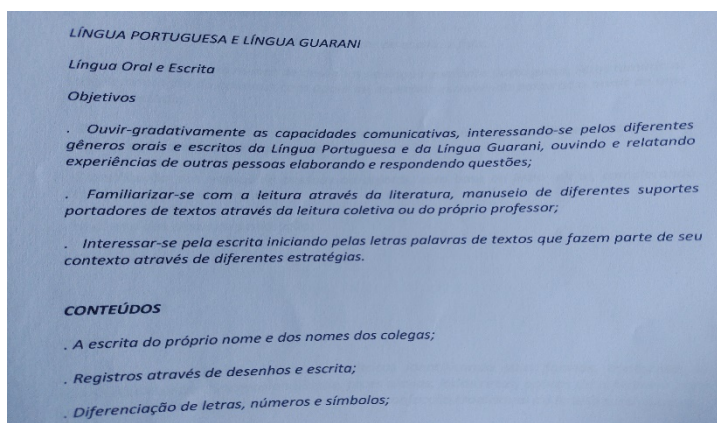
Assim, nota-se que a Língua Guarani e os valores da cultura aparecem no plano de estudo. Todavia, a educação para nós do povo Guarani perpassa além de um aprendizado, assim para a comunidade conhecimento e preservação é ponto central dos conhecimentos e aprendizado, pois a cultura é um conjunto de valores, conhecimentos, crenças e costumes dos povos originários.

É importante destacar que o fortalecimento da cultura em sala de aula seria como uma educação bilingue, pois não existe uma única cultura, existe uma diversidade de culturas entre os povos. Assim podemos ver quanto um povo que hoje há uma necessidade de obtermos o aprendizado dos alunos com bilingue, pois os alunos hoje além de manterem a sua própria língua também aprendem outras línguas como uma necessidade.

Para Monserrat (2001, p.137) o Estado brasileiro não tem realmente uma política linguística específica para as sociedades indígenas. Ele tem, sim, no nível do discurso, uma política de educação escolar indígena, qualificada como “bilíngue, intercultural, específica e diferenciada”.

Em relação a língua materna, na sequência (Figura 2), mostra-se os objetivos e conteúdos para o 1º ano do ensino fundamental – anos iniciais de Língua Portuguesa e Guarani:

Figura 2 – Objetivos e conteúdo do 1º ano do ensino fundamental



Fonte: Plano de estudos (2018, p. 6)

Observa-se que o conteúdo de Língua Portuguesa está como primeira língua e o a Língua Guarani vem em segundo plano. Destaca-se que plano de estudos foi elaborado pela 15ª CRE sem a participação da comunidade.

Chiodi (1993) traz uma alerta para que o êxito dos projetos de educação bilíngue intercultural, no que diz respeito à escrita da língua materna, está condicionado pela criação de hábitos de comunicação escrita entre as comunidades indígenas. Para ele é uma situação paradoxal que talvez seja o principal obstáculo ao desenvolvimento da educação bilíngue.

A língua materna Guarani é um caminho para o fortalecimento da cultura de um povo, pois não podemos deixar de falar e escrever na nossa língua (Figura 3).

Figura 3. Alfabetário da língua Guarani.

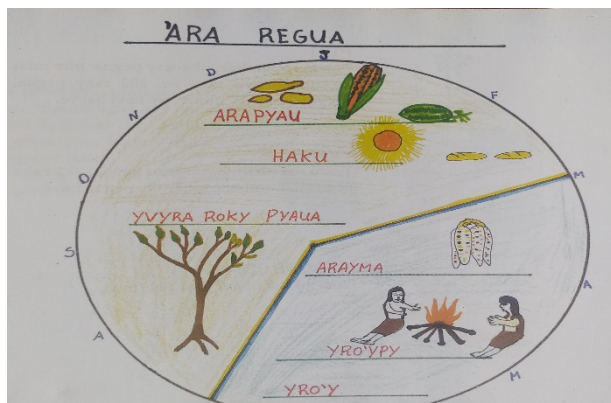


Fonte: Acervo próprio do autor (2024).

A língua Guarani é um elemento de resistência para as comunidades indígenas, é uma língua materna ancestral e faz parte da estrutura de nosso povo. A cultura a língua já aprendemos a praticamos desde criança e assim seguimos na nossa infância, é por meio de nossa língua que nos comunicamos, pensamos, dialogamos na aldeia no dia a dia sobre nossa organização e sendo assim a nossa língua materna é o nosso sinônimo de nossa identidade cultural.

Quando o povo ou uma comunidade indígena pensa em uma educação diferenciada, necessariamente, não se trata apenas da contratação de indígenas, mas, também, de pensar em um calendário diferenciado conforme a realidade da comunidade e do povo. Por exemplo, o calendário que povo Guarani segue (Figura 3) são duas estações de ano, o *Ará Pyaú* (Ano Novo) e o *Ará Ymã* (Ano Velho).

Figura 3 – Calendário povo Guarani Mbyá



Fonte: Acervo próprio do autor (2024)

Dessa forma, levando em consideração a especificidade do povo Guarani, o ano novo inicia no final do inverno quando tudo se renova e começa o plantio de sementes, já o ano velho começa quando as colheitas e se iniciam as cerimônias em nossas aldeias. O ano passa para o povo Guarani por uma formação circular e o *Ara Reguá* (o tempo), é a passagem do ano novo para o ano velho, bem como o espaço onde os as crianças aprendem sobre a vida cultural do nosso povo, o tempo sagrado.

Para o povo guarani a educação indígena vai muito além do âmbito escolar, pois em seu processo de aprendizagem são levadas em consideração aspectos individuais de cada pessoa se enxerga e se relaciona. Assim a escola perde sua necessidade de barreiras físicas, se configurando dentro de um espaço em que os guaranis se habitam. Assim a cultura guarani se faz persistente e resistente no espaço da escola, é muito comum muitas vezes a presença de pais, mães e os mais velhos na escola.

Há uma necessidade de seguir um calendário do povo Guarani, pois o tempo para o povo é sagrado, pois obedece aos rituais religiosos e ao ritmo da natureza, assim as expressões que o povo usa para demarcar o tempo é o *Ará pyaú* (ano novo) e o *Ará Ymã* (o ano velho).

Para Borges (2002), p. 106), o tempo guarani vede ser pensado em relação à cosmovisão, aos mitos, aos tempos socioeconômicos e às novas temporalidades advindas das situações de contato, como a educação escolar para nós são novas práticas.

A nossa organização social ela tem uma ligação com a nossa educação tradicional, pois desde pequeno aprendemos a lidar uma com as outras, conviver em comunidade para o povo é muito sagrado, isso porque muitas vezes a comunidade se reúne para contação de histórias e ao mesmo tempo cada um se dedicando para viver em paz e em harmonia na aldeia, e quando pessoal se reúne, cada um se serve o ka'ay (chimarrão) e fumam o petyngua (cachimbo), essa reunião muitas vezes embaixo de árvores durante o dia ou a noite na opy (casa de reza).

Os valores culturais são elementos de resistência e força para os indígenas Guarani. A espiritualidade, o grafismo, a dança, a música, a língua materna, a alimentação são elementos importantes da cultura, como mostra as Figuras 4, 5 e 6.

Figura 4 – Xondaros e xondarias kuery dentro de uma casa de reza



Fonte: Acervo próprio do autor (2024)

A figura mostra os *xondaros* e *xondarias kuery* (os guerreiros e guerreiras) em uma cerimônia dentro da casa de reza, onde eles rezam, cantam e danças no Nhandereko (modo de viver).

Figura 5 – Cachimbo na cultura Guarani



Fonte: Acervo próprio do autor (2024)

O cachimbo é um dos elementos milenares que até hoje é usado pelos rezadores da comunidade (Figura 5).

O cachimbo é o elemento mais sagrado para o povo Guarani Mbyá, nele é usado o fumo (tabaco) puro, o cachimbo é tipo de recipiente que comporta o tabaco que é usado pelas líderes espirituais em cerimônias de cura e do batismo. O mais sagrado é o tataxiná (a fumaça) que sai do cachimbo, a través desta fumaça os líderes espirituais se conectam com o Nhanderu Ete (o nosso Deus Supremo) e com os espíritos.

É também papel da escola trazer esse olhar para a educação indígena Guarani, buscando o fortalecimento cultural de um povo, a preservação da língua, a dança, a música, a reza e também os usos de materiais para construção de casas tradicionais, armadilhas para caça e pesca e os artesanatos que também fazem parte das brincadeiras na cultura do povo e os conhecimentos ancestrais. Esses elementos devem fazer parte da construção do PPP e do dia a dia da escola.

A gestão escolar tem um papel central para a valorização da cultura e da organização social indígena Guarani. Garantir a criação de nossa escola foi uma conquista importante para a comunidade e a partir disso a conquista da gestão através da escolha da própria comunidade foi melhor ainda, assim demonstra que as nossas lutas pelo fortalecimento de nossos direitos e a cultura para a comunidade foram conquistadas.

Compreende-se a necessidade da Gestão escolar (na maioria das vezes, não indígena), a CRE e Secretaria de Educação buscar conhecer mais e entender como funciona a vida cotidiana do povo e da aldeia. Além disso, é fundamental a construção do Projeto Político Pedagógico da escola respeitando os aspectos históricos e culturais, como o cultivo da língua materna e o calendário, visando o fortalecimento cultural da comunidade e do povo Guarani.

Papel da Gestão Escolar e Estado para o fortalecimento cultural do Povo Guarani

Uma gestão democrática se baseia na atitude e ações da coordenação que vem a propor a participação social com a comunidade escolar e trazendo em consideração o sujeito ativo em todo um processo da gestão que venha a participar de todas as decisões da educação ou demandas da escola.

O sistema democrático se caracteriza por meio onde as pessoas têm maior possibilidade de apresentar suas sugestões, visto que a exposição de diferentes pontos de vista acaba gerando conflitos de opiniões, o que não pode ser visto como negativo, pois enriquece o diálogo possibilitando assim uma avaliação crítica da realidade. Isto mostra que essa divergência de opiniões demonstra a construção de uma consciência política crítica e construtiva. Essa consciência crítica permite uma melhor articulação entre a comunidade e a escola de modo que as ações desempenhadas no âmbito escolar estejam voltadas a atender os interesses comunitários. (SOUZA & SANTOS, 2010, P. 9)

Dentro do contexto do sistema democrático vem de uma sistematização dos conhecimentos do povo Guarani, se pensarmos na atualidade a cultura de um povo é preciso estar adequado ao sistema de governo que poderia ser ao contrário o sistema de governo poderia estar adequado as culturas do povo indígena. Então trago essa sistematização para podermos pensar um pouco sobre a democratização dentro do sistema educacional das populações indígenas, que a democracia deveria iniciar já no sistema educacional.

Assim a gestão nas escolar indígenas Guaranis deverá ser construída de forma que os envolvidos compreendam que são responsáveis pela transformação de aprendizagem, e que venha a proporcionar aos alunos indígenas um processo educativo democrático, o povo Guarani em suas decisões é muito coletivo não usamos a individualidade, e a educação para o povo não se vê a formação de seus alunos como um mercado de trabalho, mais sim formar alunos para que continue cultivando a sua cultura, através de manter o respeito pelos parentes e respeitando a Natureza.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um fenômeno que ocorre de modos distintos, seja por meio de uma pedagogia, ou seja por meio de mecanismos próprios em culturas diferentes de cada povo. Assim os povos originários possuem os espaços de tempos educativos onde todos participam, a educação tradicional dos quais todos participam, a família, a comunidade e todo o povo é um espaço de preservação e fortalecimento cultural de um povo.

Assim este meu trabalho busca trazer um olhar crítico construtivo para a escola Vicente Karai Okendá, com objetivo de criar novos caminhos de formar alunos da aldeia e consequentemente fazer a construção coletiva de um PPP que ainda a escola não possui. Deste modo veio a atingir minhas expectativas que busquei durante minhas pesquisas

documental que fiz, percebi que não só a escola da minha aldeia precisa de adequação melhor para que funcionem conforme demandas das comunidades, isso não pela gestão da escola, mais percebi que as gestoras das escolas precisam ter mais autonomias

Este modo educativo é assumida como responsabilidade coletiva e tarefa social da comunidade, aí vem a necessidade da escola e SEDUC fazer parte de um sistema de educação tradicional de um povo originário, assim para que assegure a tradição e o modo de ser indígena sem deixar de fornecer elementos de outras sociedades, mais que precisamos continuar exercendo a nossa cultura, a língua, o canto, a dança e a escrita na nossa língua nos espaços escolares, mais lembrando que o nosso aprendizado dentro de nossa cultura precisa de tempo e espaço.

Trazendo em consideração não apenas os espaços escolares, mais para estas práticas os espaços de nossas casas de rezas, que é considerado as nossas escolas de aprendizado e fortalecimento de nossas culturas.

7.REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; Gomes, Luana Barth. (2012) A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. Currículo sem fronteira, v. 12, n. 1, p. 53-69. jan/abr. 2012. Disponível em: <[http://www. Curriculosemfronteira.org/vol_12_iss1articles/bergamaschi-gomes.pdf](http://www.Curriculosemfronteira.org/vol_12_iss1articles/bergamaschi-gomes.pdf)>acesso em :17 jun. 2020.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. (2010). História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 55-75.

LIBÂNEO, J. C. Organização da Gestão Escolar: Teoria e Prática, 5. Ed.Goiânia, Alternativa, 2004

PARO, Vitor Henrique. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 36, n. 3, p. 763-778, set./dez. 2010

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2007.

SALES, Daniela Franciela, A Educação Indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas/ Juçara Benvenuti; Maria Aparecida Bergamaschi; Tania Beatriz Iwaszko Marques (orgs). Porto Alegre: Evangraf, 2013. 376páginas.

ALVES José Matias. Organização, gestão e projeto educativo das escolas. Porto Edições. Asa 1992

MELIÁ, Bartomeu. Educação indígena e alfabetização. São Paulo: Edições Loyola 1979

BORGES, Luiz C. Os Guarani Mbya e a categoria tempo. Tellus. Campo Grande, v. 2 n. 2, p. 105, abr. 2002

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini " Política e Planejamento Linguístico nas Sociedades Indígenas do Brasil hoje: o Espaço e o Futuro das Línguas Indígenas" In:VEIGA, Juracilda & SALANOVA, Andrés. (Orgs.) "Questões de Educação Escolar Indígena: da Formação ao Projeto de Escola

CHIODI, Francesco, "Los Problemas de La Educación Bilingue Intercultural em el Área de Lenguaje".In: kuper, Wolfgang. (Comp.) "Pedagogia Intercultural Bilingue Fundamentos de La Educación Bilingue" Abya-yala. Quito Equador. 1993

SOUZA, J. E, SANTOS M. D. IV Fórum Identidades e as Alternativas: Educação e Relações Etnicorraciais. 10 a 12 de novembro de 2010. Disponível em <http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum/textos/JosefaEdilaniDeSouza.Pdf>. Acesso em: 01. Set. 2015